

você quer que eu desenhe?
visão educ comunicativa do uso de quadrinhos para a educação climática

do you want me to draw it?
Educommunicative vision of the use of comics for climate education

Vinícius Caetano Lopes Romera
Licenciando em Educomunicação
Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7268-1787>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17503743>

Resumo: Nesse artigo o autor busca correlacionar a história do uso dos quadrinhos para a comunicação da mudança climática, trazendo uma análise histórica dos quadrinhos que tratam do tema de meio ambiente desde Flávio Colin (2006) nas histórias ficcionais, passando pelo formato de reportagem em quadrinhos de Joe Sacco (2021), e chegando ao formato de HQ educativa de Jancovici & Blain (2023), buscando entender o motivo do uso dessa mídia, que é considerada como menor e marginalizada no campo de estudos de mídia, para o contexto da educação climática (BIASOLI & BRIANEZI 2024), seus benefícios e limitações, o motivo para o aumento de seu uso apontado no levantamento de organizações feitas pelo *Educom&Clima*. Além disso, também se busca saber como seria possível um uso educ comunicativo, em sala de aula e fora dela, das histórias em quadrinhos como mídia-tradutora (GUERRINI & TEREZA 2013) de conceitos e discussões complexas, como a mutação climática (LATOUR 2020).

Palavras-chave: (1) Educomunicação; (2) Educação climática; (3) Quadrinhos; (4) Mídia-tradutora; (5) Mudanças climáticas.

Abstract: In this article, the author seeks to correlate the history of the use of comics to communicate climate change, providing a historical analysis of comics that address the theme of the environment since Flávio Colin (2006) in fictional stories, through the comic report format of Joe Sacco (2021), and arriving at the educational comic format of Jancovici & Blain (2023), seeking to understand why the use of this media is considered minor and marginalized in the field of media studies, for the context of climate education (BIASOLI & BRIANEZI 2024), its benefits and limitations and the reason for the increase in its use indicated in the survey of organizations carried out by *Educom&Clima*. Furthermore, it is intended to understand how an educ communicative use, in the classroom and outside it, of comics as a translating media (GUERRINI & TEREZA 2013) of complex concepts and discussions, such as climate change (LATOUR 2020) would be possible.

Letramento SocioAmbiental, Atibaia, 3 (2): 1002-1012, 2025

Keywords: (1) Educommunication; (2) Climate education; (3) Comics; (4) Media-translation; (5) Climate change.

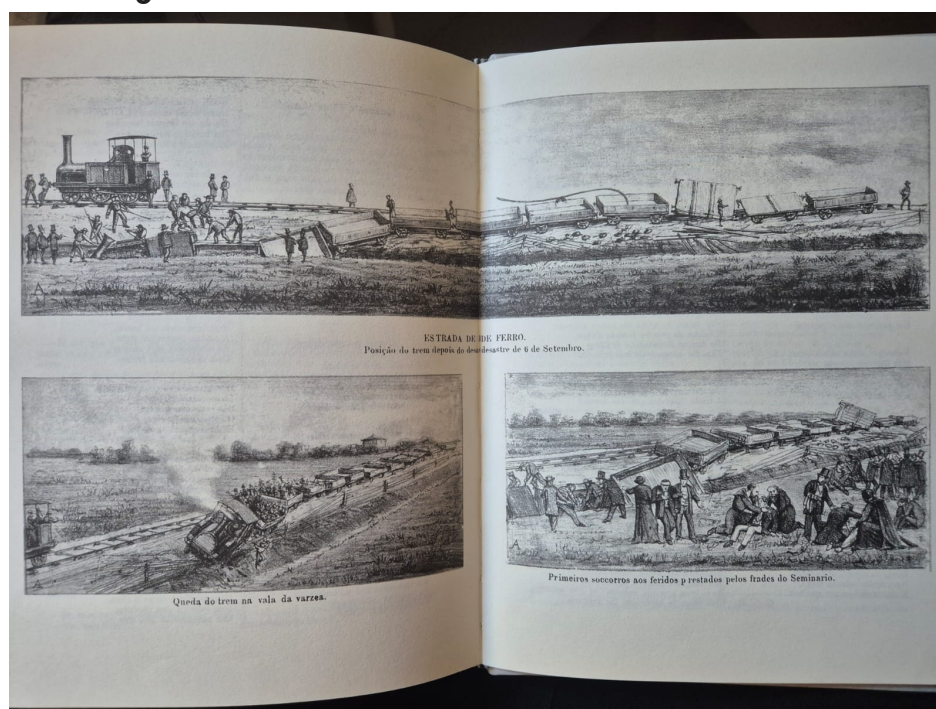
Introdução

Nos últimos anos vimos um aumento significativo no uso dos quadrinhos como método de ensino para falar das mudanças climáticas, é o que aponta o levantamento realizado pelo projeto *Educom&Clima*, que mapeou mais de 200 organizações pelo Brasil que tratam do tema de mudanças climáticas. Durante esse levantamento foi detectado um aumento considerável, somando 13 novas organizações. Neste artigo busco encontrar as raízes do uso de quadrinhos para falar da questão ambiental e da mudança da visão - não apenas do uso - dos produtores dos quadrinhos e a alteração de intenção na sua produção.

O meio ambiente e os quadrinhos no Brasil

As histórias em quadrinhos no Brasil, principalmente em se tratando de histórias de não-ficção - ou histórias que não buscam atingir apenas o público infantil - tem uma trajetória errática de avanços, mas também de longos retrocessos. Podemos demarcar uma interessante experiência na publicação de *Diabo-coxo* — ocorrida entre 1864 e 1865 — uma revista que tinha caráter abolicionista, criada por Luís Gama e Ângelo Agostini. Nela se misturavam artigos, histórias - que se estendiam por várias edições - e quadrinhos litográficos de autoria de Ângelo Agostini. Esses desenhos transitavam da *charge* a uma preocupação não-ficcional - e em alguns momentos lúdica - da dinâmica social paulista do período.

Figura 1 - Acidente da Estrada de Ferro de 1865



Fonte: *Diabo Coxo* (AGOSTINI & GAMA 2005:178-179).

Na série 2, número 8 (AGOSTINI & GAMA 2005) (**Figura 1**) é noticiado o desastre da Estrada de Ferro de 1865, que Ângelo decidiu noticiar, não apenas satirizando os políticos da época, mas utilizando quadrinhos para “dar a notícia”, o que Rogério de Campos (2022: 39) sugere ser o primeiro caso de jornalismo em quadrinhos no Brasil, que teria ocorrido mais de 100 anos antes da criação “oficializada” desse tipo de comunicação, com a publicação da reportagem “*Palestina*” por Joe Sacco.

Porém, após essa experiência, assim como ocorreu em várias regiões do mundo, as histórias em quadrinhos passaram por um processo de infantilização, sendo tratadas como uma arte menor, sendo proibidas em jornais oficiais para além das *charges* e colocadas na categoria “arte menor” ou “causador da violência das crianças”. Este processo tornou-se mais explícito nas campanhas anti-quadrinhos, ocorrida nos Estados Unidos, que afetaram também o Brasil (JÚNIOR & GONÇALO 2023).

A partir de 1980, ocorreram mudanças de percepção sobre o uso de quadrinhos na Comunicação, quando estes voltaram a tratar de forma mais direta a não-ficção através das autobiografias e biografias. A mais importante delas - para esse artigo - foi a publicação em 1985 de *Maus*, criada por Art Spiegelman (2005). Nesta, através de personagens antropomórficos, Art conta a história de seu pai, que fugiu do campo de concentração nazista de Auschwitz, um quadrinho que mereceu o *Prêmio Pulitzer* daquele ano.

Pouco tempo depois, foi publicada “*Palestina*” por Maltense Joe Sacco (VENETA 2023), obra fundadora do formato *Reportagem em Quadrinhos*, que retomou a não-ficção nos quadrinhos, dessa vez com um caráter jornalístico, ainda que com traços profundamente inspirados na *charge*. Desde então a não-ficção se tornou um gênero dentro dos quadrinhos - entre vários outros - até chegarmos a um recente fenômeno editorial francês: a publicação *Mundo sem Fim*, de Jean-Marc Jancovici e Christophe Blain (NEMO 2023). Esta publicação - que se tornou o livro mais vendido da França em 2022, ano do seu lançamento - vendeu mais de 600 mil cópias e influenciou diretamente os debates sobre mudanças climáticas naquele país. A obra juntou uma figura de autoridade sobre o assunto e um quadrinista renomado para ilustrá-lo, dando ao peso teórico da obra - e a urgência do tema - uma visão mais clara, segundo Jancovici:

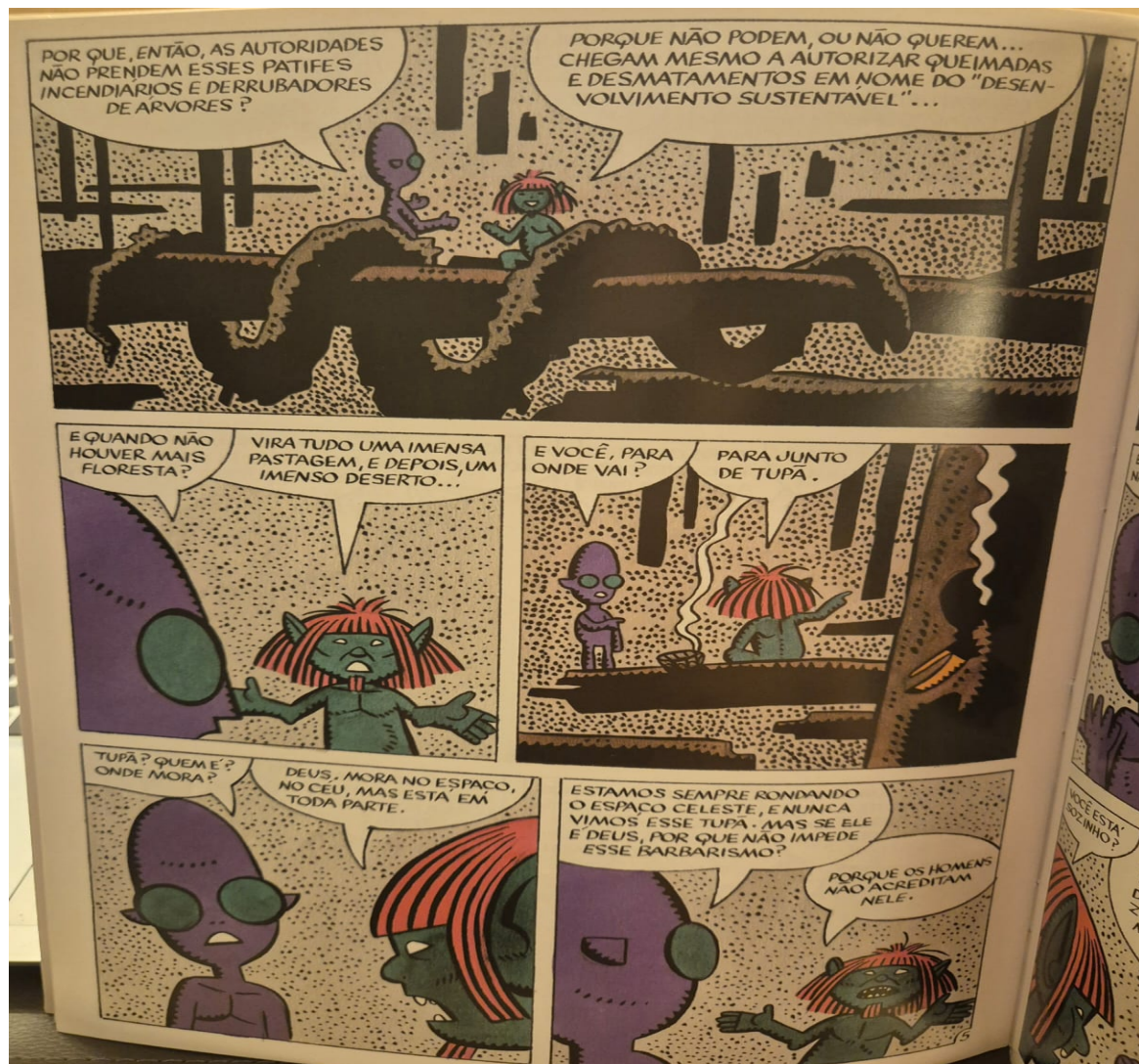
Já fazia muito tempo que eu estava ansioso para abordar novos públicos que não conseguia alcançar por meio de vídeos do YouTube ou ensaios regulares. Um filme poderia ter sido uma possibilidade, mas uma história em quadrinhos também era, e acabou que a primeira oportunidade que tive foi uma história em quadrinhos (JACONVICI Apud RESENDE & LUCAS 2023).

Esse passo além, de “*re-adultização*” das histórias em quadrinhos permitiu inclusive que obras de ficção voltassem a tratar de temas mais

sérios, entre eles o do meio ambiente, que diretamente são tratados pelos quadrinhos.

Durante as décadas de 1980 e 1990, ocorreu um fenômeno parecido no Brasil, com destaque para a produção de Flávio Colin, um dos maiores quadrinistas brasileiros, que sempre teve no meio ambiente um tema central no seu trabalho. Ainda que suas obras abordem mais a relação humana com o folclore e o terror, ele nunca deixou de tratar da temática do meio ambiente, sendo *Curupira* (PIXEL 2006) (**Figura 2**) o seu trabalho no qual essa ligação fica mais explícita. *Curupira* foi publicada, postumamente, em 2006 e nela o autor utiliza a figura do “encantado” para falar de desmatamento; de garimpo, e de invasão de terras, com críticas inclusive ao conceito de “desenvolvimento sustentável”, bastante utilizado até hoje. A obra de Colin no entanto ainda se baseia em histórias ficcionais, embora isso não desmereça o seu trabalho.

Figura 2 - Cena de Curupira



Fonte: *Curupira* (COLAN 2006 :52).

Desde então foram feitas várias experimentações com a relação quadrinhos e meio ambiente no Brasil, principalmente com o agravamento das questões climáticas. Podemos destacar o exemplo do quadrinho “Educação + Participação” (**Figura 3**), produzido em 2017 pelo Cemaden Educação. A história apresenta o trabalho do Cemaden Educação, o braço educacional do Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação brasileiro, enfatizando suas práticas escolares. Trata-se de uma obra curta, mas que segue o padrão dos primeiros trabalhos de fôlego que relacionam quadrinhos e meio ambiente.

Figura 3 - Capa Educação + Participação



Fonte: Site Cemaden Educação.

Nessa nova fase de uso dos quadrinhos no Brasil, destacam-se os dois volumes da coleção *BIO HQ*, publicados pela Editora Zarabatana em 2020 e 2022. Esta coleção resultou de um projeto organizado por Professores de Artes e Biologia da *Universidade Federal de Uberlândia* (UFU) que publicaram - em formato de histórias em quadrinhos - descobertas de seus campos de pesquisa. Segundo os autores, no prólogo do segundo volume, esta estratégia: “se tornou uma experiência exitosa, gratificante e de grande repercussão” (AGRELI et al. 2022).

Recentemente, foram anunciadas mais duas obras que adotam este modelo: “*Dormindo entre Cadáveres*”, do desenhista Felipe Parucci em parceria com o Doutor Luís Moreira Gonçalves (COMIX ZONE 2025), que trata da experiência do autor como médico na linha de frente da pandemia da Covid-19 em Rondônia; e a tradução da obra “*Sertão: Agroecologia, resistência e fé*”, do antropólogo francês Sébastien Carcelle com o quadrinista Laurent Houssin (NEMO 2025), sobre a agroecologia no sertão do Brasil.

Também merece atenção a ligação da Educomunicação com as histórias em quadrinho, que se pode ver, por exemplo, através do trabalho da Educomunicadora Natália Sierpinski, quem já produziu dois Quadrinhos de Ficção com caráter Educomunicativo: “*Afeto*” (2022) (**Figura 4**) e “*Panorama*” (2025). Outro exemplo valioso é o do Jornalismo em Quadrinhos, como por exemplo o de Pablito Aguiar, da revista *Sumaúma* Aguiar é um jornalista quadrinista que cobre as questões climáticas em quadrinhos, como as enchentes do Rio Grande do Sul (**Figura 5**), a situação das marisqueiras na Bahia entre outros temas.

Figura 4 – Capa Afeto



Fonte: Portal Fora do Plástico (2023).

Figura 5 - Capa *Água até aqui*



Fonte: Site arquipélago Editorial.

A partir deste histórico, podemos dizer que os quadrinhos e o tema meio ambiente/mudanças climáticas/mutação climática vem se aproximando cada vez mais e que os pesquisadores da área vem adotando desta linguagem para comunicar, de forma mais eficiente, esse tema que - segundo o relatório do *Reuters Institute of Journalism* (REUTERS 2025) - é ainda pouco entendido pouco e informado de forma ineficiente.

A Educomunicação e os quadrinhos

Apesar de se tratar de uma aproximação recente, já temos na Educomunicação pesquisas sobre comunicação através de quadrinhos, desde projetos como o *Educomix* até trabalhos o como de Natália Sierpinski, que vem aproximando o campo da Educomunicação com o campo dos estudos

de quadrinhos. A mídia dos quadrinhos carrega valores da Educomunicação, principalmente na relação dialógica Autor-Leitor, como ressalta Fabiano Azevedo Barroso:

A história em quadrinhos é uma linguagem que pode conter uma imensa gama de simbologia ditada pela arte, pelo ritmo, pela estrutura narrativa, pela temática e, claro, por suas especificidades. A principal delas, a nosso ver, é a forma como se dá um relacionamento entre autor e leitor, sendo esse último não somente um leitor, um coadjuvante, mas um co-autor (GUERINI & BARBOSA 2013)

A imagem do leitor da mídia como co-autor é bastante adequada a uma visão educ comunicativa da arte e da mídia. Essa visão de que o quadrinho, diferente de outras formas de arte, é um constante jogo entre autor e o seu co-autor é reforçado por Scott McCloud, como fazendo parte da própria estrutura da linguagem dos quadrinhos:

Nada é visto entre dois quadros, mas a experiência indica que deve haver alguma coisa lá.(...) Os quadros das histórias fragmentam o tempo e o espaço, oferecendo um ritmo recortado de momentos dissociados. Mas a conclusão nos permite conectar esses momentos e concluir mentalmente uma realidade contínua e unificada (MCCLOUD 1995: 67).

Entendo, portanto, as histórias em quadrinhos como uma mídia particularmente adequada para a Educomunicação, se não mais do que as outras, ao menos com características que valem uma exploração maior no campo teórico da Educomunicação.

E as novas experimentações, tanto nacionais, quanto internacionais, no campo dos quadrinhos, como o francês *Mundo sem fim* ou as reportagens entrevistas de Pablito Aguiar, vem aproximando os quadrinhos de práticas educ comunicativas, proporcionando além do diálogo entre autor e co-autor, o diálogo do autor com a realidade e com outras pessoas, encorpando o caráter mais dialógico - e menos narrativo - de práticas pedagógicas tradicionais.

Conclusão

A mídia das histórias em quadrinhos contemporâneas e a Educomunicação vem se aproximando cada vez mais, mesmo que autores não se denominem “educ comunicadores”. Essa aproximação enriquecendo e ampliando esta mídia, ao tomar um caráter mais aberto e plural, tanto em linguagem, quanto em conteúdo. Por outro lado, com a Educomunicação fazendo um movimento convergente a este, torna-se possível gerar

Letramento SocioAmbiental, Atibaia, 3 (2): 1002-1012, 2025
inovadoras produções culturais que impactam de forma mais intensa o público geral com um tema tão complexo em abordagem, como é o tema da mutação climática.

Referências

AGOSTINI, A. & GAMA, L. (2005). *Diabo Coxo*. São Paulo, EDUSP. 1ª edição.

CAMPOS, Rogério de (2022). *HQ: Uma Pequena História dos quadrinhos para o uso das novas gerações*. Edições Sesc; Veneta.

CARCELLE, Sébastien & Houssin, Laurent. *Sertão: Agroecologia, resistência e fé*. São Paulo, Nemo. 1ª edição.

COLIN, Flávio (2006). *O Curupira*. Pixel.

CEMADEN EDUCAÇÃO (2017). *Educação + Participação - Uma equação para redução do risco de desastres*. Disponível em: <https://educacao.cemaden.gov.br/midioteca/hq-educacaoparticipacao-uma-equacao-para-reducao-do-risco-de-desastres>
Acesso em: 28/10/2025.

EJAZ, W.; MUKHERJEE, M. & FLETCHER, R. (2025). "Climate Change and News Audiences Report 2024: Analysis of News Use and Attitudes in Eight Countries", *Redação Media talks*. Disponível em: https://mediatalks.uol.com.br/wp-content/uploads/2026/02/Ejaz_et_al_climate_change_and_news_audiences.pdf Acesso em: 28/07/2025.

GONÇALO, Júnior (2022). *A Guerra dos Gibis: A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, de 1933 a 1964*. Conrad.

GUERINI, A. & BARBOSA, T.V.R. (2013). *Pescando imagens com rede textual - HQ como tradução*. São Paulo, Peirópolis. 1ª edição.

JANCOVICI, Jean-Marc & BLAIN, Christophe (2023). *O mundo sem Fim*. Nemo.

MCCLLOUD, Scott (1995). *Desvendando os Quadrinhos*. Makron Books.

RESENDE, Lucas L. (2023). "HQ 'O mundo sem fim' chega ao Brasil com alerta para o aquecimento global", *Estado de Minas*. 9 Mar.

PARUCCI, Felipe & GONÇALVES, Luís Moreira (S/D). *Dormindo Entre cadáveres*. Comix Zone. São Paulo. 1ª edição.

Letramento SocioAmbiental, Atibaia, 3 (2): 1002-1012, 2025
SACCO, Joe (2023). *Palestina*. São Paulo, Veneta.

SPIEGELMAN, Art (2005). *Maus*. São Paulo, Quadrinhos na Cia. 1ª edição.

Sobre o autor

Vinícius Caetano Lopes Romera é licenciando em Educomunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.